

DIÁRIO (1970?)(Rio de Janeiro, novembro 1943-outubro 1996)

Luciano Zajdsznajder

Texto estabelecido
por Luiza Lobo

Volume 3

Prosa

Obras completas em
3 volumes: Poesia,
Teatro e Prosa
Os manuscritos de

Z.

Rio de Janeiro

Litcultnet

2013

DIÁRIO EM CRIANÇA¹

Luciano Zajdsznajder

Afinal, consigo aprender o que interrogo – o valor carnal de todo discurso preso às formas. Nenhum – porque está distante das vegetações e dos sobressaltos. Nenhum valor para o conhecimento que possa substituir as pulsações que já vivi em sonho. Então preciso possuir a evidência, e logo a perco.

Meu passado é tão curto e, no entanto, eu sinto como que uma vida cujo desejo único é beirar o fim. Não creio em suicídios jovens, mas em ressurreições. Eu, que ainda não vivi, preciso morrer com urgência. Morrer na selva, no sonho amazônico ou africano. Padecer de febres e torturas, nas mais ingratas estradas. Mas nunca em expedições, viagens – com seus álibis. Faz-se o percurso por seus fins, mas o que se ama de fato são os meios. Quero muito: que o acaso realize todos os meus sonhos. Quero simplesmente profetizar minha morte.

No entanto, minha vida seguiu apenas o curso das aparências. E dela tenho sido o cúmplice muito útil. O primário, o ginásio, as dúvidas adolescentes. Os meus sonhos nasceram para ser maiores que minha vida – pelo menos até esse tempo. Portanto, minhas memórias devem contê-los mais que todo o resto. Recordar os sonhos é bem mais que tentar esquecer as ficções possíveis. É aliviar a vida para o futuro.

¹ Texto original datilografado.

O segundo semestre de 1950 foi talvez tão cinzento que nenhum de ano para frente e para trás lhe possa superar. Para mim uma virada. Não pelos detalhes de um curso primário que se inicia. Mas senti – acreditem! – que o Brasil mudava. A década dos quarenta eu a senti tão velha no que me restou: bolorenta e espessa como seu último governante. Talvez para seus moradores tenha o sabor deste nosso tempo imóvel mas sem seus artifícios, riscos e conflagrações. 1950 foi uma mudança; nem sei se os mais velhos o sentiram de fato; eu próprio só me dei conta doze anos depois; foi quando me contaram que o Partido Comunista havia convocado o povo e os surdos-mudos para as armas e a revolução. Naquele semestre em que as coisas tomavam outro aspecto eu sentia a cidade no interior de um ônibus escolar, e nem podia imaginar o fracasso de uma sonhada guerra civil espanhola.

Como importam pouco os anos de garoto. Se alguma vez fui menino de fato, isso se deu depois dos vinte anos; a queda de Jango infantilizou tanta gente que pensava estar fazendo mais que brincar. A realidade se tornou tão hostil que o lúdico pôde imperar com todos seus cortejos. Isto não é uma análise sutil; apenas a descrição distanciada de uma vivência comum. Os que “nasceram” depois de 1964 são outra gente – é o que me dizem. E já ouvi até – e com fascínio – que eles nasceram sem o eu. É uma vida por que sempre ansiei e que um dia pretendo provar.

Não há mais o anacrônico costume de relatar as lembranças infantis, talvez caráter persistente das origens agrárias e que sucumbe na padronização das cidades. É possível também que apenas os velhos – os efetivamente velhos – se recordem de seus primeiros anos. Ou os que os valorizam como jamais eu poderia fazer. Quero cortar minha infância, para ver se deslumbro algum valor. Mas é seco e sem nenhum clarão. As comuns pederastias, os roubos, tombos e choros. E a perseguição atroz que começou a me acompanhar. Dela, que jamais entendi, seria o caso de falar, não fossem tantas as sombras.

Jamais acreditei ser o filho unigênito de Deus.

Tenho vergonha e não queria elevar ao cume desejável e apostólico os atos mesquinhos de que participei. O lirismo de minha infância não diz nada e eu só conseguiria inventar caricaturas; não quero ouvir críticas repetidas às fraturas e falhas de minha corroída lírica. Nas memórias não é permitido mentir e, para contornar esta proibição de estilo, descobri a verdade a que sempre poderei ser fiel: as fantasias.

Na infância – e quero falá-lo à maneira de César – três coisas me perseguiram: as crianças, os gatos e os loucos. O resto, tão importante e tão menor, irei simplesmente omitir, porque não dei qualquer sorriso durante uma década. (Um clarão de ordem no discurso: sinal inequívoco das satânicas ameaças que comecei a enfrentar).

Que sei eu dos gatos. Nunca lhes aprendi a linguagem e nem mesmo aprendi a acarinhá-los. Somente percebia que eram numerosos e mereciam morrer. Não eram negros como nos ridículos mistérios da alquimia: listrados, uma cor comum, canhestra, que a pobreza contínua do centro da cidade lhes deixou. Viviam em bandos, gemendo e procriando, nos fundos malcheirosos dos edifícios e sobre os muros. Revejo sempre o seu local – infame e mesquinho como o ventre que me abandonara. E nem aquele tempo parecia enorme – embora o mundo das crianças seja extraordinário, ao menos nas dimensões. Era um território sem magia, cimentado e estreito, e que contornava um edifício menos lúgubre que triste.

O gato foi morto por mim e pelo meu irmão. Foi pela tarde, sem liturgias anteriores, senão uma mijada em comum e grossa ventania. Era um bicho miúdo feito criança e quase cego. O assassinato foi num vão do edifício, diante da janela espalhafatosa de uma senhora que, segundo diziam, amava apenas monstros. Era uma criança – quatro patas que pouco tocavam o chão; e seu esgar pequeno. Tomamos uma pedra, enorme; e fomos esmigalhando a cabeça. Com o cuidado carinhoso de dois irmãos que se amavam. O bicho ficou vivo por muito tempo, por mais que fosse morto. Precisamos tirar-lhe os olhos e colocá-lo na boca como bolas de gude. Precisamos cortar em pedaços suas patas (oh, meu irmão... seus

pés macios, seus carinhos). E devorar, sem pressa. Sabia que tudo era criminoso e que a pena recairia unicamente sobre mim. Meu irmão, que o vento cegara por horas seguidas, era inocente. Nos seus gestos e nas suas palavras havia apenas um repouso; sabia que matava e também que nem lhe recairia nada. Eu pagaria.

O vento cessou e as janelas pararam de bater. Só bem depois, no crepúsculo, o gato morria: em nossas bocas, mãos e no nosso estômago. Não foi a primeira morte que presenciei: houve um suicídio a gás. E nem sei que gosto terão ainda as outras, hoje que só os vegetais me enternecem. O gato morreu em meu estômago, sangrando e eu – que não sabia – era um menino.

Não tento exorcizar meu ânimo criminoso. Já paguei e quase imediatamente me senti leve para todos os atos novos: proezas nas escarpas, caçadas de cogumelos e escavações na terra. Esta, minha mãe primeira, apenas me recebeu em seus arredores e nas noites ímpares. A caçada de lagartos, pequenos vermes e caracóis. Junto com o crepitar de fogueiras, onde me chamuscava as mãos, roído de prazer. Meu irmão assistia, imóvel, sedento e duro; também queria aprender. A entrada na terra, de onde havia criminosamente escapado certo dia e descoberto que a musicalidade me fora proibida. Nunca mais ouvi a sonoridade das covas e o pequeno rumor que os meus dedos sentiam nas escavações. Ilhei-me no cimento e no asfalto e assim – fora do mosteiro – perdi por todo tempo os sinais da salvação.

Já senti o sabor das gentes e provava a carne dos animais. Dos bichos vivos e sangrentos e que se retiravam para a ferocidade nos instantes da morte. Fui beber seu sangue.

Foi durante a tarde que os gatos se vingaram. Era um bando, carregado de filhotes e com um inesperado tom pré-histórico. Eu os havia perseguido e rira de sua força. Ei-los, formados pelo ódio e correndo atrás do pequeno garoto de seis anos. Tentei escapar, mas fui cercado pelos bichos e não consegui saltar por um portão que, sempre fechado, dava para a rua. Fui atacado aos saltos e em silêncio; os bichos rangeram um pouco e depois ficaram calados. O primeiro, mais

afoito, lançou-se sobre minhas costas e unhou-me o pescoço. Os outros destruíram meus braços e meu rosto.

Saí correndo, sem gritar e sem terror. Acostumado às punições, esta tinha sido apenas suficiente. Em casa, no regaço de meus pais procurei uma acolhida distante. Mas mal resisti às peças compradas de segunda mão que eram meus primeiros objetos: os móveis da sala, negros e sem lustro, comprometidos com seus antigos e desconhecidos donos. Puseram-me deitado sobre o *buffet*, lanhado de lembranças: uma *swastika* que meus pais nunca conseguiram apagar. E fui visitado pela enormidade quase arábica dos vizinhos. As Raquéis, Saras, Marias Antônias e as Joaquinhas das quitandas examinaram o menino trucidado, sem fazer qualquer comentário sobre o meu desaparecimento. Eu, satisfeito, gozava a primeira invenção que fizera da morte. Tinha os olhos abertos e imóveis. Fingia tão bem que nem minha mãe tivera a coragem algo caridosa de certificar-se de meus batimentos cardíacos. Num canto, meu pai, solitário, comemorava aos tragos a volta de seu reino intocado. Esquecia-se, por instantes, da insuportável existência de meu irmão, que estava distante, chorando a minha morte: nas pederastias obscuras das escadas. Mostrava sua fidelidade, como no primeiro dia de minha existência.

Gozei a morte durante dez horas seguidas. Depois, fui ressuscitado, inteiro, pelos médicos e pela polícia. Minha família, horrorizada, descobria, por sua vez, uma vocação inaceitável. Jamais admitiram um filho farsante e teatral.²

HOJE³

Não foi sem esforço que me decidi a me lançar nesta empreitada. O tempo transpira tarefas urgentes e as evoluções em torno do eu parecem mesquinhas. Não basta ser testemunha, isto é certo – e foi um grande caminho que percorri para redescobri-lo. Tive de me afastar das palavras, indagar por elas, até que um dia pudesse voltar sem ser recebido como estranho. Nem Deus sabe ao certo por

² Projeto de uma futura peça? Os loucos: Abraão, Jacó, Isaac, Davi, Salomão. [A velha história das putas.](#)

³ Esta parte do *Diário* vinha escrita em dez páginas manuscritas, em caneta azul.

onde passei e de onde fui obrigado a me desviar. Os acontecimentos à volta não permitem a paciência a que me obriguei. Eis-me de volta.

Mas é um outro, e isso reconheço logo. Não mais me aventuro nas letras em busca de uma resposta e perguntas que ensaio. O ato de escrever teve de se formar acabado, antes mesmo de seu início. Por isso, não consigo outra coisa que não fazer um testamento.

Precisaria explicar todo um percurso para que entendam o sentido tão vigoroso – e bíblico – desta palavra. Não há dúvida: associada à morte, o seu teor pretende fugir do tempo. Dele busquei escapar em outras eras, tão distantes e tão próximas. Depois, nele me decidi a mergulhar. Não volto renovado, como poderiam querer os taumaturgos: volto enojado.

Que este tempo nacional e planetário enjoa, nem faltam dúvidas. Os acordos entre os grandes, as oligarquias apodrecidas nos pequenos países empobrecidos e a indiferença ainda grande das massas, certamente não convida ao escapismo. Mas cria um tempo que não é para ser amado.

Das cartilhas de guerrilhas aos discursos dos presidentes de grandes corporações americanas ou de diretores dos “*coubenets*”⁴ russos pode-se server um otimismo. Mas tão pródigo disso estão todos, que falta ao seu lado um balanço de dúvidas. Não quero alinhá-las, pois são óbvias. A grande certeza a contrapor é que a revolução será mundial ou não será revolução. Um pobre eu perante tais conflitos numa sociedade dita de massas tem pouca coisa a somar. O mínimo é abandonar, como uma vez tentei, as perscrutações d’alma à gídana maneira. No entanto, quem descobriu ter mais que um nome, não sabe o que fazer com seu eu, senão matá-lo. Escrever é algo que se lhe assemelha.

Ao empreender isto, sei que já posso recusar tanto a dedução rígida do meu eu do universal quanto o ridículo do individualismo à parte – o seu sumiço sem qualquer explicação. Extirpá-lo não é um ato individual e seria por demais paradoxal se o fosse.

⁴ Palavra não identificada no original.

Portanto, se nele falar – e o farei muitas vezes, demasiadamente talvez – não será por despedida.

Não fosse minha adorável decepção com o formalismo da logística, buscaria definir com precisão por onde pretendo passar. É óbvio que não quero deixar como mistério, mas por onde andarei em companhia destas palavras é uma decisão que ainda não quero tomar. Há, é certo, um esboço: falar daqueles que entre os meus chegaram e descobrir o que lhes resta; ou seja: entre a mesquinha vida na câmara mortuária, nesta sociedade que se esboroa, e uma revolução ainda nem imaginável, escolheram a última. Como disse, não dou testemunhos, e muito menos pretendo justificar à memória dos juízes minha opção.

É difícil, para quem viveu algum tempo no mundo das razões, delas fugir senão racionalmente. É um preço a pagar pela iluminação que a ciência nos deu nos seus momentos brilhantes. Assim, às ocultas e com certo gosto prazeroso, elas, as razões, acabarão desfilando. Mas serão apenas como uma colheita desordenada. Se se justificarem, será apenas por azar.

A existência não é mais a palavra da moda. E a opção perdeu seu sentido original, porque nos sabemos escolhidos e não condenados a escolher. É difícil dobrar o fervor dos instintos e os jovens que morrem nas ruas sabem que para a partida não é preciso mais pensar duas vezes. Somos expulsos todos deste mundo que não desejamos. No mínimo é uma harmonia que se estabeleceu: não queremos este mundo e também ele não nos quer.

Sei seguramente que um livro tático ou estratégico mereceria o tempo que aqui dedico a estas páginas. Ao meu lado, deixei repousando inúmeras tarefas. Não há como justificar este novo compromisso com a escritura e sei que quando se quer justificar por que se escreve, o próprio ato é mal equilibrado. Sei que escrevo sem razões e assim posso dar adeus a uma atitude.

Há, no entanto, uma tradição por detrás disso e escrevo, em parte, para destruí-la. O memorialismo pertenceu aos velhos, vencedores ou vencidos. Foi sempre traço de uma experiência, quando não uma exibição aberta de narcisismo. Ou ambos. Um literato já nos deu memórias póstumas. Estas que faço são prévias,

pois escrever depois que as coisas ocorreram não é apenas cômodo: no futuro, será impossível.

A história tem possuído belezas que os enigmas sempre monopolizaram. O marxismo nos diz como é, mas sobre os conflitos e a dor que nos esperam, nada nos pode adiantar. Já sabemos que o tempo pode estagnar aqui e além ou que pode até sofrer recuos inesperados. Sabemos também – e falo com segurança apoiando-me num “nós” – que não há lugar para apostar. É que não cabem escolhas diante do menos imaginário apocalipse.

É difícil libertar-nos dos evangelhos quando um século corre para o seu fim, em companhia do milênio que representa e que o produziu. Esta palavra tão antiga – apocalipse – não pode, é certo, desfrutar das mesmas imagens de que se engravidou no passado. O surto nuclear já dela se apossou, tornando-a menos religiosa que temporal. E, no entanto, ser apocalíptico é uma virtude que não ficou fora de uso.

Há formas recorrentes e também conteúdos, e sei que jamais deles me trocarei. Foi certamente uma experiência original – se é que existe – a de sempre possuir a impressão de que os escombros algum dia irão retornar. Mas há certas destruições necessárias, e se, para ser, a morte é indispensável, de preferência que seja dos inimigos.

É impossível, já o concebo, falar do eu, evitando táticas e estratégicas. O inimigo já está tão visível e o mundo tão pouco habitável, que é inevitável distingui-los. Soube há bastante tempo que os absolutos que me atacaram – a ideia persistente da morte, a pequenez de uma finitude – não eram senão fantasmas de assombrações maiores. Em nome de uma escatologia, pensei ter conseguido escolher a revolução. Agora, já sei escolher, sem referências ao absoluto. Fazer isso não foi um ato amargo, apenas demorou alguns anos, quando consegui recuperar tempos perdidos e, especialmente, uma antiga forma de sorrir.

Há um personagem que me é muito familiar e que fez para mim uma pergunta aparentemente inútil (agora o sei): o que fazer com a alma, se não há Cristo nem

Deus? Aparentemente inútil, enquanto não houvermos nos embalado⁵ aos momentos do apocalipse.

Para certo tipo de gente – e me incluo entre eles – a descoberta da possibilidade de se despojar tem como condição algum ativo na vida. Amor ou atos, pouco importa; é preciso “ter” para se desalojar. Não se fala nem em padrões de consumo, e nem em êxtases místicos. Esta posse primeira – que sei qual seja e não o digo – é tão material como uma riqueza palpável, é tão maciça quanto a respiração dos vegetais.

Há tempos, sonhei com riscos planetários, um sonho estreito e ridículo para quem vive o cósmico nas manchetes dos jornais. Mas o tema era tão incógnito para mim, que conhecê-la apenas em uma cova era mais que uma aventura: era reencontrar a vida que se esvaía. Sonhei também com viagens escandalosas, ao Congo ou ao Alto Xingu, onde teria, nos olhos, não o exótico, mas o invisível – e também a proximidade de uma ordem tão sonhada: os ciclos calmos e naturais. Gastei meus sonhos e minhas solidões em imaginar andanças. Correr o rio São Francisco, como peregrino do mundo e sem deitar uma palavra nos quilômetros todos. Apenas ver e gozar meu próprio silêncio. Depois, a solidão eterna em uma vila ribeirinha, onde me soubesse tão estranho como nunca seria reconhecido pelos eus urbanos pares. E mais ainda: uma viagem pelas luzes dos computadores, sem sangue e deixando mesmo de ser gente. Eu queria um círculo, ou melhor, um círculo que se fechasse de vez. E queria a possível perfeição na finitude. Mas na minha carne, sonhava com o eterno e o ilimitado. Conversação alguma me distraía.

A volta não foi difícil e isto me amargura um pouco. Tinha-me como ser especial, que poderia, a hora que fosse, rever minha mais distante pátria: a zona do úmido, do calor florestal e do silêncio; a terra onde os confortos são horríveis e onde o tempo nem estagnou porque ele jamais havia chegado. Dessa pátria só me aproximo às vezes – e deixei de vê-la ou desejá-la por longos tempos – de medo de ali ficar. Mas agora me sinto forte, para com ela conviver a vida que for.

⁵ No original, embodo (sic).

Posso dela dizer que sou de sua família, de sua gente. Posso dizer que já convivi com todos os monstros, e com a matéria e com as fezes. Eu sei o que são fezes e o que é tê-las por todos os lados, gozar horrorizado o seu sabor e voltar ao regaço original. Posso sem susto rever estruturas e os mictórios, modificar-me internamente e, no entanto, escapar inteiro, completo; posso morrer a qualquer hora, pois se não sou eterno, as minhas sensações foram únicas e ao menos dão a certeza de que o absoluto não é apenas um ausente.

Não morro, porém, pelo absoluto, nem pelo eterno. Morro pelas gentes e suas simplicidades e não pelos deuses. Morro sem prazer, porque não espero qualquer recompensa, nem a maior: meu reencontro com o todo, o meu retorno à terra e às fezes, ambas que me deslumbram para sempre.

Quando menino, tive mensagens de ser enviado, e a psicologia cuidou de explorá-lo com sua pressa. Depois, a impressão de não ser deste mundo. Agora, que o mundo não apenas nos possui, mas não é possuído, a estranheza é uma vivência comum. Distinguir uma da outra é uma tarefa para ninguém. Quando duas estranhezas se conjugam, é hora de esperar o melhor e o pior.

Aviso aos meus irmãos que sou do apocalipse; digo isso a todos meus amores e minhas paixões; digo isso aos ofícios que cumpri e às penas que me obriguei a padecer. A má boca dos filisteus corrompeu até o sentido purificador do fogo. Alguns são testemunhas de como amo o fogo; a quem sirvo e para sempre acompanharei. Tentei por vezes acalmá-lo e o fiz em nome das convenções que aceitei. O tempo de um acordo já está por terminar e eu, filho das chamas, a elas voltarei; e voltarei para pregar a mina do mundo – deste mundo único que nos escapa e defronta, que nos torna asquerosa a vida e que, no entanto, tem, dentro de si, tanto a terra saborosa que foi, um dia, minha mãe, como o fogo interno em que me recolhi. Durante este tempo, brinquei com o fogo, a distância; agora, quero ser o seu sabor e, se possível, o seu lenho.

Quando os símbolos convivem francamente com o real é tanto hora da vida e é tanto hora da morte. O fogo é a revolução que veio para destruir – e seu poder e

sua certeza são apenas simbólicos na alma. No real, nesta nossa sociedade, é o caminho sorridente, embora nem retilíneo, nem demarcado.

Não quero a perfeição, que é a detestável higiene das corporações, ou o discurso limitado dos computadores. Apenas desejo manter juntos, como já consegui unir, tanto a noite escabrosa (do fundo do eu como das prisões, agora bem reais) como o sorriso perene e solar dos dias de verão. Quero o todo, porque meus olhos são do tamanho de meu estômago – e já posso devorá-lo, digeri-lo e, no entanto, continuar um.

Essa experiência que se conclui e esta outra que se inicia nem possuem parentesco. Quem as conheceu, descobrirá diferenças tamanhas que possivelmente com elas se repugnará. A abertura para o real das convenções, e a cegueira para os símbolos, eis como foi minha investida paixão – a de todo mundo que um dia se castrou e deixou de perseguir o irreal e tentou a salvação pela superfície indiferente dos dias de calendário.

O símbolo é superior e mais eterno que os sinais convencionais. A morte de Chê é mais real que a vida de um milhão de resignados; o rosto de Mao mais real que os cem ânus dos cem principais burocratas russos. Entretanto, com símbolos se faz a vida e se prepara a morte. Dizem os velhos revolucionários – o que por acaso ainda existem – que no passado o lirismo foi a vida e depois a morte das revoluções.

Eu persigo o real e redescobri que mal saberia viver sem ele. Mas a revolução tem também sua contabilidade e não existe de maneira nenhuma *hic aeternum*, como os símbolos. Nas nossas almas deve caber – e, portanto, devem ser tamanhas – a limitação obscena de uma programação linear ou de uma conta bancária e o brilho fantasmagórico dos seus símbolos. Qualquer ausência é um desastre. E principalmente é preciso impedir que os símbolos se tornem convenções; e evitar que o lirismo seja massacrado, nu e de cabeça descoberta, pelos exércitos.

Sabem, porém, que tal coisa não é uma tática, nem quer – quem poderia admitir? – uma estratégia. É apenas o mais impreciso dos discursos e, na medida de nossa esvaída religiosidade, uma oração imperfeita.

Já vi alguns mares, desde o amargoso de Salvador até certos ímpetos viris no sul do país. Certa vez, pretendi descrever para ouvinte e depois gravar para os ausentes, o que as bordas de meus olhos conseguiram entrever nas horas de um crepúsculo marítimo. Seriam as visões de uma criatura agonizante que havia, por instantes, aprendido a morrer com o dia. Uma experiência menor, seja, mas tão importante para aqueles que jamais descobriram a morte dentro de si. Era preciso dizer-lhe com todas as letras, para que corressem ao risco, pelo menos ao ouvi-lo.

Hoje, a morte é vista na ruas, e divulgá-la é tarefa dos jornais, que no entanto a escondem – porque é sucesso – com o auxílio da casualidade ou sob o amontoado das invectivas políticas. Mas a morte que se nos está descobrindo seu olhar é um fato vigoroso que nos prepara para o futuro. Desejo sondá-lo, esquecendo por um pouco a dor; quando a morte se torna comum, isto é o sinal do tempo novo e de seus trombeteiros.

Enfim, o que havia pressentido nas brechas da minha destruição, anos atrás, eram os símbolos de um solitário (e também a imaginação das mais viáveis de um tempo), agora não é senão a quase banalidade com que os jornais mascaram o cotidiano. Apressam-se por esconder os símbolos, apelando para o que resta do medo em muitos e do terror em outros. Isto porque os homens da Opressão são os servos ferozes de um tempo que morre. Quem não conhece tal coisa?

Qualquer dialética furiosa – e só o são as que são furiosas – pode traduzir a linguagem destes atos todos. Falá-lo é emergir e depois submergir, não sabendo ao certo por que caminho se cruza e qual o destino. E saber apenas que finalmente o real se ampliou, abrigando em sua terra todas as pátrias, mesmo as que nunca foram imaginadas e mesmo, também, as impossíveis.

É horrível esquecer o impossível, dispensá-lo e fixar-se apenas no resto. No fundo, é não ter escolhido a vida e nem a morte; é levar uma existência “política” correndo apenas as ruas, sem explorar nem telhado, nem escapes.

No final das contas, voltei a amar as *coisas* que a linguagem mesma nos negou: o impossível, o inviável, o inimaginável e o invisível. Este é o único caminho do apocalipse e da própria ressurreição que nestes nossos tempos teria de ser retraduzida. Apenas o seu apelo – dos *'im'-s*⁶ – pode nos pôr no movimento permanente e na permanente mobilidade. A revolução foi sempre impossível, inimaginável, inviável e invisível. Para fazê-la, precisamos, portanto, de outros olhos e novas mãos; outra alma e um pensamento que não se dobre apenas diante dos silogismos, mas os ataque por detrás.

⁶ Palavra hebraica, provavelmente o álef, ou primeira letra do alfabeto, ou com sentido religioso, vaidade, futilidade.